



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
(UNIRIO)

**SUELANA MATTOS SANTANA**

ENSINO COLETIVO DE VIOLINO PARA INICIANTES: Grupos  
heterogêneos

RIO DE JANEIRO

2022



SUELANA MATTOS SANTANA

**ENSINO COLETIVO DE VIOLINO PARA INICIANTES:** grupos heterogêneos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Villa-Lobos do Centro de Letras e Artes da UNIRIO, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Música. Área de Concentração: ensino de violino.

Orientadora: Profa. Dra. Mariana Isdebski Salles

Rio de Janeiro

2022

**Ficha Catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica**

S231 Santana, Suelana Mattos  
Ensino Coletivo de Violino Para Iniciantes:  
grupos heterogêneos / Suelana Mattos Santana. --  
Rio de Janeiro, 2022.  
25

Orientadora: Mariana Isdebski Salles.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,  
Graduação em Música - Licenciatura, 2022.

1. Educação musical. 2. Ensino coletivo de  
violino. 3. Níveis de aprendizagem. 4. Projetos  
sociais. I. Salles, Mariana Isdebski , orient. II.  
Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO**  
Centro de Letras e Artes - CLA Instituto Villa-Lobos - IVL  
Curso de Licenciatura em Música

**“ENSINO COLETIVO DE VIOLINO PARA INICIANTES:  
GRUPOS HETEROGÊNEOS”**

por

**SUELANA MATTOS SANTANA**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª. Dra. Mariana Isdebski Salles (orientador)

*Mônica de Almeida Duarte*

---

Profª. Dra. Mônica de Almeida Duarte

*Adriana Miana de Faria*

---

Profª. Dra. Adriana Miana

Nota : 9,00 (nove)

AGOSTO DE 2022

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por me ajudar a ingressar na faculdade e em tudo o que faço.

A toda minha família, em especial minha mãe, Teresa Clara, que sempre me incentivou em tudo que eu fiz, graças a ela estou estudando música.

Ao meu noivo, por todo apoio e incentivo para concluir essa etapa da minha vida.

A minha orientadora, Mariana Salles, por ter contribuído com meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos meus professores da UNIRIO, por todo conhecimento compartilhado durante as aulas e pela contribuição na formação acadêmica.

Aos meus alunos e colegas que me ajudaram na minha pesquisa.

SANTANA, Suelana Mattos. **Ensino Coletivo de Violino para Iniciantes:** grupos heterogêneos. 2022. Monografia (Licenciatura em Música) – Curso de Licenciatura em Música. Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2022.

## RESUMO

O ensino coletivo tem tido grande importância nas práticas do instrumento, em específico neste trabalho, o violino. Esta prática ajuda não somente na evolução no instrumento, mas na cooperação, na motivação, na interação, na socialização e na reponsabilidade de cada aluno envolvido. Por conta destes vários aspectos, percebemos que este tipo de ensino tem se expandido cada vez mais nos projetos sociais e em escolas públicas. Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o ensino coletivo de violino para alunos iniciantes, observando sua importância e os desafios desta prática, dentre eles, os diferentes níveis de aprendizagem e de faixas etárias. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica e descritiva, além dessas, foram feitas entrevistas com alunos de um projeto social e com professores que abordam essa prática de ensino. A partir destas pesquisas foi possível observar que o ensino coletivo proporciona diversos benefícios para os alunos e que mesmo com a diversidade dentro de um ambiente é possível elaborar uma boa aula, seja através de um repertório ou de subgrupos dentro de uma turma, separando por idades ou níveis de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Educação Musical; Ensino coletivo de violino; Níveis de aprendizagem; Projetos Sociais.

## **LISTA DE SIGLAS**

ONGs	Organizações Não Governamentais
SINOS	Sistema Nacional de Orquestras Sociais do Brasil

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 HISTÓRIA DO ENSINO COLETIVO.....</b>	<b>11</b>
<b>3 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO COLETIVO.....</b>	<b>14</b>
<b>4 DESAFIO DA AULA COLETIVA.....</b>	<b>17</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>22</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>23</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ensino coletivo de violino tem ganhado cada vez mais espaço no mundo inteiro, seja em escolas públicas ou projetos sociais. Pensando nisso e por meio da minha experiência como professora em projeto social, tenho observado e refletido sobre os desafios e os benefícios do ensino coletivo. Um dos primeiros pontos que me chamam atenção é o fato de que geralmente os métodos para o ensino coletivo de violino tendem separar os alunos por faixas etárias, porque a mistura de idades em uma mesma turma pode interferir na evolução dos alunos. Segundo Liu Man Ying (2012, p. 24),

A turma ideal para o ensino coletivo de violino é a que reúne os alunos com idades semelhantes ou as mais próximas possíveis. Isso porque alunos de mesma idade ou idades muito próximas tendem a ter um ritmo de desenvolvimento motor e cognitivo semelhantes, garantindo uniformidade no aproveitamento das aulas. Essa configuração também facilita o entrosamento entre os alunos, pois eles apresentam interesses parecidos, típicos de sua faixa etária. (YING, 2012, p. 24).

Para Davi Bueno (2020, p. 74), “[...] Além da quantidade de alunos em sala de aula, é necessário separar as classes por idades. Crianças, adolescentes e adultos, podem apresentar diferentes níveis de concentração, coordenação motora e percepção sonora.”.

Sendo assim, uma “turma ideal” deveria seguir um padrão de faixa etária, separando as turmas por idade e/ou por diferença de somente dois anos para um bom desenvolvimento do grupo. Porém, não é isso que vemos em muitos projetos sociais, onde geralmente o objetivo é atingir a maior quantidade de pessoas possíveis, promovendo inclusão social, qualificação e acesso à música, diversificam entre crianças, jovens e idosos, além de diferentes níveis de experiência com o instrumento. Vemos também em um mesmo grupo alunos que já tiveram algum contato com o instrumento e outros que nunca tiveram contato com o instrumento. Tendo em vista esses fatores me surgiu uma questão: Como um educador de projeto social desenvolve atividades de ensino coletivo de violino para estudantes iniciantes de diferentes faixas etárias e níveis de aprendizagem?

Motivada pela experiência como professora de ensino coletivo de violino em um projeto social, pude observar a diversidade de características de alunos de um mesmo grupo e pude perceber as dificuldades de promover uma aula produtiva para essa diversidade. Essa pesquisa foi feita por meio de pesquisa bibliográfica e um questionário respondido por professores que trabalham ou já trabalharam com o ensino coletivo e alunos de violino. Procurei investigar como esses educadores desenvolvem suas atividades para diferentes idades e níveis de aprendizagem.

As necessidades das crianças são diferentes dos jovens e adultos, ou seja, o aspecto cognitivo de uma criança é diferente de jovens e adultos. Segundo Bianca Cristina (2017) o desenvolvimento das pessoas de idade entre 20 e 60 anos tende a precisar de uma atenção especial por conta de tensões e responsabilidades do dia a dia. Os aspectos motivacionais e conversas são relevantes para que os alunos adultos permaneçam tendo interesse nas aulas e se sentindo capazes de aprender um instrumento. Por outro lado, as crianças precisam de um tratamento diferenciado em sala de aula comparado ao adulto, o ensino tende a ser mais lúdico, de forma mais leve e muitas vezes através de brincadeiras.

Rebecca Mayara e Társilla Castro (2014, p. 3) afirmam que, “Uma questão muito importante a ser tratada é a falta de didática no ato de ensinar violino para crianças tratando-as da mesma forma que uma pessoa adulta, muitas vezes incorrendo no equívoco de utilizarem metodologias extremamente tradicionais.”. Com isso, podemos observar que a necessidade da separação de idades para um ensino coletivo de violino está muito presente.

É importante ressaltar também que os objetivos de ambos os alunos costumam ser diferentes, tanto alunos adultos quanto as crianças, o que pode interferir no caminhar das aulas. Alguns têm o objetivo de se profissionalizar no violino e outros somente em aprender um instrumento, ou para ocupar o tempo. Onde a dedicação muitas vezes não será a mesma de ambas as partes.

Outra questão tratada durante este trabalho é sobre os diferentes níveis de aprendizagem no ensino coletivo, estes sendo um agente que pode dificultar a evolução dos alunos.

Observado isso e as realidades dos projetos sociais em relação a suas necessidades, procurei encontrar um meio didático, tanto em materiais pedagógicos quanto uma forma de ensino para unir três grupos de faixas etárias distintas (crianças, adultos e idosos) em um mesmo grupo de ensino coletivo de violino. E mesmo tendo essa distinção de idades e níveis de aprendizagem, buscar atingir o mesmo objetivo de ensino de qualidade e sem perder o prazer de aprender, tonando o processo mais leve para todos.

## 2 HISTÓRIA DO ENSINO COLETIVO

Primeiramente é importante entender o significado do termo “ensino coletivo”. Dantas e Santiago (2017) citam Montandon (2004, p. 47),

Observando a variedade de modelos, podemos deduzir que definições sobre ‘ensino coletivo’ ou ‘ensino em grupo’ são particulares e múltiplas, podendo se referir a diferentes objetivos, formatos, metodologias e população alvo. É possível detectar aspectos comuns entre esses vários modelos? Quais seriam eles? Há consenso? Que pressupostos podem ser considerados ‘básicos’ ao se definir ‘ensino de instrumento em grupo’? Master-classes e práticas em conjunto podem ser consideradas ‘ensino em grupo’? Por quê? De acordo com quem? (MONTANDON, 2004 apud DANTAS; SANTIAGO, 2016, p. 82).

A questão observada nesse contexto é sobre as definições de “ensino em grupo” e de “ensino coletivo”. Segundo Dantas e Santiago (2017), não há definições exatas de qual é a diferença desses dois termos e que estes ainda podem ser confundidos por ter mais de um aluno em um mesmo ambiente. Dantas e Santiago também dizem sobre os seis princípios citados por Tourinho (2007),

1) acreditar que todos podem aprender a tocar um instrumento; 2) acreditar que todos aprendem com todos; 3) a aula inteira é planejada para o grupo; 4) o planejamento é feito para o grupo, levando-se em consideração as habilidades individuais de cada um; 5) autonomia e decisão do aluno; 6) tempo do professor e do curso: se um aluno não comparece, os outros estarão presentes e o desafio passa ser administrar o progresso dos faltosos. (TOURINHO, 2007 apud DANTAS; SANTIAGO, 2017, p. 83).

Com isso podemos notar que o intuito do ensino coletivo vai além de pensar somente em um indivíduo, mas sim elaborar uma aula para o grupo inteiro, visando suas necessidades e objetivos. É importante ressaltar que o ensino coletivo ainda tem um problema com relação a níveis avançados dos alunos, por acreditarem que o ensino não será tão produtivo por conta de técnicas individuais. Sendo assim, o tipo de ensino coletivo tem abrangido mais os alunos iniciantes.

Esse modelo de ensino inicia-se em 1850 nos Estados Unidos, porém a metodologia só foi aplicada nos países europeus a partir de 1890. Essa metodologia entrou em evidência devido a muitas apresentações de orquestras em excursões nos Estados Unidos, este sendo um dos motivos que fez com que o público se interessasse no estudo da música instrumental (YING, 2007, p. 11). É importante ressaltar que antes do ensino coletivo começar a aparecer, o ensino de instrumentos dava-se somente em aulas particulares, onde havia somente uma troca de saberes entre o professor e o aluno.

A inserção do ensino coletivo de cordas friccionadas foi feita por professores de canto coral que começaram a ensinar instrumentos de sopro e cordas,

Isso porque esse ensino estava profundamente ligado, em suas origens, à prática coral religiosa nos Estados Unidos. Havia professores de música itinerantes, que viajavam por várias cidades para ensinar as populações a cantar os cantos religiosos. Assim, pode-se considerar que ela foi de grande importância para o desenvolvimento do ensino coletivo de cordas, pois aqueles professores também passaram a ensinar diversos instrumentos de sopros e de cordas além do canto, contribuindo para o desenvolvimento de metodologias específicas para o ensino dos instrumentos de cordas e de sopros coletivo. (YING, 2007, p. 12).

No século XIX, a prática religiosa era forte nos Estados Unidos e o coral estava muito presente. Segundo Silva (2014),

A tradição coral ocidental começa com o cristianismo antigo, nos séculos II e III e, segundo a cultura cristã, coral era o grupo da comunidade que cantava junto ao altar, separadamente dos outros membros da comunidade. Também coral era o nome dado ao espaço físico determinado nas construções das catedrais, onde se colocava o órgão. (SILVA, 2014, p. 65).

Sabendo disso, pode-se dizer que o coral foi o primeiro a praticar o ensino coletivo e, a partir dos professores deste, o ensino coletivo de instrumentos começou a ser praticado e visto por toda a sociedade. Para Souza (2016) a educação, o crescimento pessoal e o coletivo eram essenciais para a vida dos cidadãos, não somente por causa do valor cultural, mas por causa dos efeitos morais que poderiam melhorar a sociedade. Pensando nisso, um fato importante de mencionar é sobre o *People's Place School of Music*, onde acontecia aula coletiva de violino para adultos, e havia muita procura das classes trabalhadoras onde pessoas investiam para estudar violino de forma coletiva. Segundo Souza (2016, p. 126),

Havia na época um consenso de que a música e as artes em geral agiam de forma benéfica na educação, comportamento e psique humana e os Institutos dos Mecânicos contribuíram oferecendo um pouco de prazer estético à população trabalhadora por meio do ensino de canto e do violino em sistema coletivo. (SOUZA, 2016, p. 126).

Era, portanto, uma forma de deixar a vida dos trabalhadores mais leve utilizando a música como poder de transformação. A partir disto, houve grande aumento na procura por tocar instrumento, em especial o violino, fenômeno que passou a ser chamado, segundo Souza (2016) de “violinomania” por conta de o violino ser considerado uma “febre” naquela época. Um outro fator interessante que Souza (2016) aponta é sobre os valores dos instrumentos, naquele período os violinos eram bem acessíveis, sendo ainda mais barato que os instrumentos de sopro, ajudando de forma significativa o crescimento do número de violinistas profissionais e amadores.

O acesso ao instrumento deixava a população mais instigada a aprender a tocar o violino, e mesmo àqueles que não tinha possibilidade de comprar o instrumento, ainda naquela época já haviam ONGs (Organizações Não Governamentais) que emprestavam os instrumentos aos alunos para poderem praticar em casa. Essa era uma questão que influenciava o crescimento de violinistas. O ensino coletivo de violino também foi ganhando espaço nas escolas públicas e segundo Souza (2016, p. 132),

Com o objetivo de viabilizar de maneira mais efetiva o ensino de violino nas escolas públicas, o governo britânico realizou uma parceria com uma empresa denominada *Murdoch and Company*, no ano de 1897. Esta empresa além de ser uma editora, revendia e manufaturava instrumentos musicais. Nesta parceria, a Murdoch propunha-se a oferecer suporte completo para todas as escolas que desejassem implantar projetos envolvendo ensino coletivo de instrumentos musicais, tendo o violino como o principal agente deste processo. Nesse suporte oferecido pela *Murdoch* constava a venda de instrumentos musicais industrializados e acessórios a baixo custo, os quais ainda podiam ser financiados. A *Murdoch and Company* também dispunha de professores especializados, que ofereciam aulas a baixo custo (um centavo de libra por semana). (SOUZA, 2016, p. 132).

A Murdoch é uma empresa que influenciou muito no crescimento do ensino coletivo de violino, ela vendia violinos e partituras a preços acessíveis e indicava professores especializados na área. Além disso, as partituras que eram disponibilizadas por essa empresa continham adaptações para alunos que tinham aulas individuais e alunos que tocavam coletivamente.

Atualmente o ensino coletivo de música tem sido uma forma aplicada não somente em projetos sociais, mas em escolas públicas, ainda mais depois que foi decretado em 2008, a Lei Nº 11.769, na qual estabelece a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas de educação básica. Com isso, houve mais possibilidades de implantações dessa forma de ensino. Além disso, vários projetos sociais como Programa Aprendiz – Música na escola, Projeto da Grota, Projeto Cultura de Direitos, Projeto Guri, dentre outros, trabalham com esse modelo de ensino.

### 3 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO COLETIVO

O ensino coletivo é uma ferramenta importante para o aprendizado porque o aluno aprende através da troca de saberes, tanto de um colega para o outro, quanto do professor para o aluno. Um exemplo disso é quando um aluno está com dificuldade em alguma execução no instrumento e o colega tem aquela mesma dificuldade, ao ver o aluno estudando de uma certa maneira o outro vai praticar dessa mesma maneira. Para Tourinho o aluno “[...]aprende a aprender vendo e ouvindo os colegas[...]” (TOURINHO, 2003 apud TOURINHO, 2006, p. 52).

Com isso o aluno aprende a tocar com outros colegas, visando técnica, sonoridade e atenção. Segundo Swanwick (1994), “A atenção, o planejamento de aula e o sentido de conexão entre as tarefas que serão realizadas em sala são alguns dos múltiplos fatores que fazem do ensino em grupo um compromisso educacional totalmente diferente.” (SWANWICK, 1994 apud PAZZIANE, 2016, p. 2). Os pontos que Swanwick traz desconstrói um pouco a aula tradicional porque na aula individual o professor geralmente também preza esses fatores, porém é bem diferente de um aluno tocar sozinho do que em grupo. É importante também frisar que a aula em grupo não desqualifica a aula individual, mas tem muito o que somar no aprendizado. Em relação a mudar um pouco a forma tradicional do professor, Barbosa Filho (2017) diz que,

“Um dos principais desafios do professor de instrumento da atualidade talvez seja conseguir desenvolver sua capacidade de compreensão e criticidade sobre as tendências do ensino de tal forma a se desvincular da tradicional metodologia de ensino em que provavelmente foi iniciado no instrumento, para criar espaço para um ambiente novo, de descobertas não só para os alunos como também para si próprio.” (BARBOSA FILHO, 2017, p.35).

De acordo com Abreu (2007 apud TOURINHO, 2013, p. 3), “pode-se argumentar em favor do ensino coletivo que o aprendizado se dá pela observação e interação com outras pessoas, a exemplo de como se aprende a falar, a andar, a comer.”. Ou seja, a criança aprende a andar observando os seus pais andando e da mesma forma aprende a falar e a comer, através da observação e imitação. Desta mesma maneira a aula em grupo também acontece por meio da observação, interação e imitação do professor e dos outros colegas de turma. Abreu (2007) também afirma que, “o ensino em grupo segundo Swanick, é uma excelente forma de enriquecer e ampliar o ensino de um instrumento. Esta prática traz vantagens e benefícios aos alunos.” (ABREU, 2007, p. 3).

Dentre esses benefícios podemos considerar além da evolução musical do aluno a concentração e a socialização, essas sendo dois pontos muito importantes para a formação do indivíduo. Onde ele aprende a dialogar, a respeitar, a incentivar, a organizar, dentre outros fatores. Outro ponto sobre a importância da aula em grupo segundo SILVA (2021),

O trabalho em grupo é uma excelente forma de enriquecer e ampliar o ensino de um instrumento. Não estou defendendo a exclusividade do ensino em grupo, e muito menos denegrindo as aulas individuais. Simplesmente quero chamar a atenção para alguns benefícios em potencial do ensino em grupo enquanto uma estratégia valiosa no ensino de instrumentos. Para começar, fazer música em grupo nos dá infinitas possibilidades para aumentar nosso leque de experiências, incluindo aí o julgamento crítico da execução dos outros e a sensação de se apresentar em público. A música não é somente executada em um contexto social, mas é também aprendida e compreendida no mesmo contexto. A aprendizagem em música envolve imitação e comparação com outras pessoas. Somos fortemente motivados ao observar os outros, e tendemos a "competir" com nossos colegas, o que tem um efeito mais direto do que quando instruídos apenas por aquelas pessoas às quais chamamos "professores". (SWANICK, 1994 apud SILVA, 2021, p. 15).

Naturalmente trata-se aqui de uma competição e comparação saudável que ajuda muito na evolução do aluno, onde na aula individual isso não acontece porque o professor passa somente aquilo que o aluno deve aprender, mas sem ter outra pessoa para dialogar e observar. Outro fator importante que falamos dentro da socialização é sobre aprender a respeitar seus colegas, suas histórias de vidas e suas culturas. Com isso, podemos ressaltar que a diversidade de conhecimentos dentro da aula coletiva é muito rica, cada aluno tem uma realidade distinta, culturalmente falando. Sendo essa uma possibilidade de levar suas culturas para sala de aula, promovendo uma troca de saberes entre alunos e o professor. Com isso podemos observar segundo Cruvinel (2013, p. 33),

(...) não devemos ter um modelo único de ensino que "sirva" a todos alunos. Devemos enxergar a individualidade de cada aluno, sua realidade humana, no contexto cultural e social. Nesse sentido, nota-se que alguns educadores musicais ainda permanecem distantes do contexto social em que vivem, repassando e perpetuando as antigas fórmulas metodológicas como "verdades" (quase) absolutas, imutáveis (CRUVINEL, 2013, p. 33).

Isso é um equívoco em que muitos educadores acabam tropeçando, talvez pela falta de reflexão e/ou orientação, porque acabam querendo manter uma aula tradicional apenas transmitindo o conhecimento, não se importando tanto com a individualidade dos alunos.

A cooperação também é outro fator importante que influencia muito na aula em grupo. Mas antes é importante entender o que é uma aprendizagem cooperativa. Segundo Bello, Capellini e Ribeiro (2011) declaram,

[...] que a Aprendizagem Cooperativa (AC) pode ser entendida formalmente como um método ou estratégia de ensino baseada na interação social, que consiste na utilização de pequenos grupos, de tal modo que seus membros trabalhem em conjunto para maximizarem sua própria aprendizagem e a dos demais colegas.

Envolve um trabalho em grupo estruturado, frequentemente heterogêneo, para que todos os alunos interajam, troquem informações e possam ser avaliados de forma individual pelos seus trabalhos (BELLO; CAPELLINI; RIBEIRO, 2011, p. 239).

Sendo assim, a aprendizagem cooperativa pode ser um fator motivacional para os alunos, na qual eles trabalham pensando mais no grupo do que no indivíduo segundo Johnson e Johnson (1999 apud SANTOS, 2011). Outro ponto importante é sobre a responsabilidade que pode ser criada durante as aulas coletivas. O professor Maurício Carneiro no *site* Sistema Nacional de Orquestras Sociais do Brasil (SINOS) diz sobre criar o hábito de cada aluno limpar e guardar seu instrumento após o término da aula, gerando responsabilidade e cooperação. Chegamos na conclusão de que a aula coletiva é uma ótima forma de instigar a cooperação, a interação, a motivação, a responsabilidade e a socialização entres os alunos e o professor.

#### 4 DESAFIO DA AULA COLETIVA

Vimos muitos pontos positivos da aula coletiva, mas também podemos observar alguns pontos negativos, principalmente em alguns projetos sociais de música, mas antes de falar desses pontos negativos vamos entender como funciona os projetos sociais. Os projetos sociais de música têm crescido cada vez mais no mundo, e ainda ganhado mais espaço nas famílias, onde seus objetivos são a inclusão, transformação e inserção no mercado, essa sendo uma oportunidade das pessoas mudarem suas realidades de vida. Segundo o *site* da Sociedade Artística Brasileira<sup>1</sup>,

Os projetos sociais de música são alicerçados em três pilares: inclusão, transformação e inserção no mercado. Um age em complementação às ideias do outro, garantindo à criança, ao jovem, ao adulto ou ao idoso a oportunidade de romper barreiras sociais [...] (SOCIEDADE ARTÍSTICA BRASILEIRA, 2019).

Essa é uma oportunidade para todas as pessoas conhecerem novos instrumentos e novas oportunidades de emprego. Um dos pontos negativos de alguns projetos sociais é o fato de serem mais voltados às crianças e jovens, onde muitos adultos e idosos acabam deixando o seu sonho de aprender a tocar um instrumento por conta disso. Mas também é interessante citar que alguns projetos sociais (ainda poucos) não limitam idades e nem níveis sociais, podendo abranger todas as faixas etárias e classes sociais. Com isso, esses projetos são muito ricos por conta da diversidade, na qual o objetivo de cada aluno difere muito, tem aluno que pretende seguir a carreira de músico, ou que quer aprender a tocar um instrumento como hobby, ou ainda está ali para “arejar” a cabeça, essa sendo a música como uma terapia.

Objetivos diferentes, faixas etárias diferentes, classes sociais diferentes, isso tudo localizado em um mesmo ambiente. Em projetos sociais encontramos essa mistura de histórias, e o mais impressionante que vemos essa diversidade em uma mesma turma, essa sendo uma questão muito interessante, porém bem desafiadora porque podemos notar que as dificuldades de um idoso não é a mesma que de uma criança e um jovem. Ou o objetivo de uma pessoa que quer seguir carreira de músico onde procura estudar sempre, não é a mesmo que de uma pessoa que está participando do projeto como uma terapia somente. Com base nesses pontos observaremos a seguinte questão: “Como dar aula de violino coletiva para essa diversidade?”

Pensando nessa diversidade, o primeiro ponto que destacaremos é a mistura de faixas etárias. Podemos notar que a necessidade de cada faixa etária é diferente, podendo dificultar a

---

<sup>1</sup> Página da *internet* da Sociedade Artística Brasileira. Disponível em: <https://www.sabra.org.br/site/>.

aula de um grupo heterogêneo. Segundo Silva os adultos e idosos iniciantes se sentem menos capazes de tocar um instrumento, precisando seguir um trabalho mais voltado ao diálogo, além das tensões corporais estarem mais presentes no corpo prejudicando a forma de tocar (SILVA, 2017, p.10). Enquanto as crianças tendem a ter mais facilidade de aprender a tocar por não terem tantas tensões e preocupações cotidianas, e estarem mais ansiosos com a execução no instrumento. Sabendo disto, o professor precisa estar mais atento a esses pequenos detalhes ~~no~~ que vão influenciar muito a evolução dos seus alunos.

Considerando esses fatores, é necessário pensar uma aula produtiva mesmo que tenha essa turma heterogênea de idades e de diferentes realidades de vida. Com isso, antes de começar a planejar uma aula é preciso conhecer os alunos. Para Rocha (2018, p.7),

É necessário se reconhecer para que contextos se elaborem planos de aula. Encontram - se diversos aspectos que influenciarão na construção de propostas de aulas: contexto social, econômico, geográfico, cultural, faixa etária dos estudantes entre outros. Avaliar todos esses elementos possibilita o direcionamento para elaborar planos de aulas de acordo com o contexto de cada sala de aula. (ROCHA, 2018, p. 7).

Conhecer o contexto de cada aluno é um fator essencial, e além do que foi falado acima podemos acrescentar os gêneros musicais preferidos e expectativas das aulas, esses sendo pontos relevantes para um bom desenvolvimento de um plano de aula, adaptando a aula para a realidade dos alunos. Após isto, o professor poderá fazer um planejamento de aula voltado a essas questões, dessa forma a aula provavelmente será mais produtiva e os alunos ficarão motivados para aprender o instrumento e compartilhar seus contextos sociais. Considerando isso, pode ser uma possibilidade de interagir crianças, adultos e idosos, porque conhecendo suas expectativas e gostos musicais pode ser feita uma preparação de repertório voltado a diversidade na sala de aula.

O segundo ponto a ser tratado é as diferentes aprendizagens dos alunos, aluno que tem mais facilidade de aprender e outros que também aprendem, porém demoram mais um pouco em relação aos outros. Esse também é um desafio que podemos notar dentro de uma sala de aula, essa é uma questão a ser pensada para que a aula não seja maçante para ambos os alunos. Segundo SANTOS (2021, p. 65),

Sobre as diferenças de aprendizagem dos alunos, Santos (2014) aponta que essa é uma característica inevitável dos ambientes de sala de aula e que o professor deve estar preparado para lidar com essas variações, que serão facilmente notadas desde as primeiras aulas. Acrescenta ainda que, como estratégia para lidar com a heterogeneidade que emerge das aulas instrumentais coletivas, o professor pode agrupar alunos a partir de seus ritmos de aprendizagem. (SANTOS, 2021, p. 65).

Essa pode ser uma forma muito interessante, de organizar grupos de aprendizagens diferentes, separando em turmas diferentes. Caso isso não seja possível, uma outra

possibilidade é criar um repertório levando em consideração esses diferentes tipos de aprendizagem, separando a turma em grupos na qual chamaremos de A, B e C. O grupo A são os alunos que estão mais avançados na turma, grupo B, intermediário, e o grupo C, os iniciantes. Podendo abordar um mesmo repertório para todos esses grupos, o grupo A estudando a melodia principal, o grupo B e C estudando um acompanhamento para o grupo A. Dessa maneira todos os alunos aprenderão a tocar mesmo com suas dificuldades e diferenças de níveis na sala de aula.

Falamos do ponto de vista do professor, em como poderia ser uma aula em grupo com essa heterogeneidade de alunos, porém também precisamos olhar o ponto de vista dos alunos. Através de um formulário, os alunos do curso de violino do Projeto Cultura de Direitos em Maricá deram opiniões sobre o ensino coletivo. Esse projeto teve início em 2018, e suas aulas sempre foram de forma coletiva. O projeto abrange vários cursos gratuitos como fotografia, capoeira, roteiro fílmico, música, dentre outros, e todos esses cursos misturam as faixas etárias e classes sociais. Além disso o projeto empresta o instrumento para ser utilizado na aula, e se o aluno quiser estudar, há possibilidade de ir em uma das casas onde o projeto atua para estudar.

O questionário foi respondido por treze alunos do curso de violino, aborda opiniões sobre o ensino coletivo e seus desafios. Quase todos deram opiniões muito positivas sobre o ensino coletivo, dizendo que o local de troca é muito grande, onde um aprende com outro e ainda ajuda o outro, também disseram sobre fazer novas amizades e interagir através da música. Porém três alunos argumentaram sobre a diferença de níveis de aprendizagens e que podem atrapalhar no desempenho como pontos negativos. Para não citar nomes, chamaremos esses 3 alunos de aluno A, B e C.

**Aluno A:**

*Acho realmente interessante, pois, como em qualquer outra sala de aula, muitas vezes a dúvida de um aluno pode ser a mesma de outro talvez mais tímido, além disso, os alunos podem se ajudar. Por outro lado, com turmas grandes, o avanço pode ser muito curto e talvez desestimulante para aqueles que aprendem um pouco mais rápido.*

**Aluno B:**

*Sinceramente eu acho que por eu já ter aprendido o básico do básico fico um pouco cansado de repetir certos exercícios, mas entendo que sempre é bom relembrar a base de tudo, eu também tive a minha vez na hora de começar e por isso não esquento muito a cabeça*

*com esse tipo de coisa, mas seria interessante separar os mais inexperientes em um horário específico e os que já passaram dessa fase em outro horário. Claro que entendo que todos temos prioridades e as vezes não é viável chegar em horários específicos, mas caso fosse posto em prática creio que o aprendizado seria muito maior.*

**Aluno C:**

*Algumas pessoas também ficam um pouco intimidadas por perceber que os alunos estão em diferentes níveis de aprendizagem. Os que são mais resilientes conseguem aguardar por um resultado melhor ao longo do curso. Há uma melhora a cada aula, mesmo para aqueles que não têm violino para estudar em casa.*

Observa-se que, até os alunos sentem essa dificuldade dos diferentes níveis de aprendizagem, podendo essa ser uma problemática para desmotivar os alunos que aprendem mais rápido. Essa argumentação nem sempre será resolvida somente com um arranjo de uma música para cada nível e a possibilidade de dividir os diferentes níveis está bem distante pelo fato de que os alunos só têm uma aula por semana (no caso desse projeto, sendo ele usado como exemplo), e muitos deles tem o horário comprometido tendo somente um horário para estar no projeto. É uma questão a ser pensada por que nesse caso, nem todos tem o instrumento, os níveis de aprendizagens são bem diversificados e as idades bem misturadas, crianças, adultos e idosos e cada aluno com necessidades distintas.

Um dos argumentos chamou atenção, os alunos que responderam o questionário não acharam problema em compartilhar a aula com diferentes faixas etárias, por mais que suas necessidades sejam diferentes dos demais. Outra pesquisa foi feita com 5 professores de diferentes ambientes sobre o ensino coletivo de violino. Em uma das perguntas foi perguntado se houve alguma dificuldade em dar aula com grupos de idades muito diferentes, a resposta foi sim para 51% dos entrevistados e entre as dificuldades eles disseram:

**Professor 1:**

*Dificuldade dos alunos mais velhos tocarem de cor, esquecimentos, dores no corpo.*

**Professor 2:**

*As crianças geralmente aprendem mais rápido e são mais agitadas. O grupo de alunos idosos aprende de maneira mais devagar.*

Esse é um ponto bem interessante e desafiador porque os alunos com mais idade geralmente precisam de mais aulas ou mais exercícios para trabalhar a mente e conseguir memorizar um repertório, além de sentirem mais dores e não conseguirem tocar o instrumento por muito tempo. Por outro lado, podemos considerar que através de tocar, o idoso exercitará a mente. Este podendo ser uma forma de ajudar a desenvolver a agilidade de memorizar.

Uma sugestão que o professor Carlos Albeto Vieira sugere no *site* SINOS é de dividir a turma coletiva em dois grupos, um grupo pequeno com idades mais próximas entre eles, e depois disto montar um grupo maior com a mistura de faixas etárias. Assim, os grupos menores estarão mais preparados para juntar as diferentes idades em um grupo maior posteriormente.

Um outro ponto importante que ele cita e é bem relevante para o trabalho da aula coletiva é aos poucos deixar que eles toquem sozinhos na frente dos seus colegas para desenvolver autoconfiança e motivarem os outros alunos através de seus erros e acertos. Além disso é importante que o professor elogie os seus acertos e não somente corrija os seus erros, mas os valorizar é um fator essencial para a motivação. Outro professor, o Maurício Carneiro ainda no *site* SINOS fala sobre a importância da motivação e nos sugere alguns meios, como sempre começar a aula com alguma tarefa que todos conheçam e toquem junto.

Sobre a questão das turmas terem muitos alunos de níveis diferenciados o professor Maurício Carneiro sugere dividir momentos da aula. Primeiro momento com o grupo inteiro, segundo momento com grupos pequenos e terceiro momento com os alunos tocando individualmente, este sendo uma estratégia para eles descansarem, porém é necessário que os alunos que estejam “descansando” tenham alguma tarefa para eles não se dispersarem.

Este mesmo professor também diz sobre o posicionamento dos alunos na sala ser uma estratégia para que eles fiquem concentrados. Sugerindo que os alunos sejam posicionados em fileiras e com a voluta (uma das partes do violino) virado para o professor para gerar um sentido de liderança e os alunos não se dispersarem. Outro ponto importante é os alunos tocarem em pé por serem alunos iniciantes e esse fator influenciar na postura.

Uma possibilidade também é pelo menos em uma das aulas o posicionamento ser diferente, colocar os alunos em círculo e todos em pé promovendo a mesma prática do instrumento para eles se observarem. Observando a postura do seu colega e se corrigindo desta maneira. Além disso, pode ser feito uma troca entre eles, dividir o grupo em duplas, um aluno segura o violino e o outro o arco e reproduzem uma música, após isto eles trocam sua “função”. Estas são algumas possibilidades que podem ajudar a planejar a aula coletiva de violino de forma que aula seja produtiva e que os alunos possam interagir entre eles.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo estudar o ensino coletivo de violino de alunos iniciantes pela observação das dificuldades na atuação no meio. Movida pela reflexão de como elaborar aula com alunos de diferentes faixas etárias e níveis de aprendizagem, e que seja uma aula produtiva tanto para o professor quanto para o aluno procurei investigar a importância desta prática e modelos de aula.

Pôde-se observar neste trabalho que o ensino coletivo desenvolve a cooperação, responsabilidade, motivação, socialização e interação. Foi notado que os desafios são constantes em uma aula coletiva, porém existem meios para ajudar a diminuir esses desafios de ensino como a separação de faixas etárias e níveis de aprendizado promovendo grupos menores, para depois juntar as faixas etárias e níveis de aprendizado em um grupo maior, além de posicionamento na sala, e assim o resultado será mais satisfatório.

Notou-se que a aula coletiva promove a diversidade dos alunos, dentre estes, culturas, idades e objetivos diferentes, mas todos com um objetivo geral, de aprender a tocar o instrumento. Esse objetivo geral faz com que as aulas sejam bem ricas pela troca de saberes. Este trabalho pode ajudar a professores que estejam com dificuldade de planejar a aula na prática do ensino coletivo de violino para iniciantes, mostrando possibilidades de formas de aula e mostrando sua importância e seus desafios.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Ana Filipa. **Ensino Coletivo de violino: a escolha do repertório como fator motivacional na aprendizagem do instrumento.** 2013. 76 p. Relatório de estágio (Mestrado em Ensino de Música) - Universidade do Minho Instituto de Educação, [S. l.], 2013.

BELLO, Márcia Miranda Silveira; CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho; RIBEIRO, Job Antônio Garcia. A APRENDIZAGEM COOPERATIVA NO CENÁRIO EDUCACIONAL ACADÊMICO BRASILEIRO. *In:* BELLO, Márcia Miranda Silveira; CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho; RIBEIRO, Job Antônio Garcia. **Aprendizagem coopeativa no cenário educacional acadêmico brasileiro.** 2018. Dissertação (Mestrado e doutorado) – UNESP; CAR, [S. l.], 2017.

BARBOSA FILHO, Jair Rabelo Maciel. **ENSINO DE CONTRABAIXO PARA INICIANTE: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA EM CONSTRUÇÃO.** 2017. Dissertação (MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES (PROFARTES) - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA INSTITUTO DE ARTES, [S. l.], 2017.

BRASIL. **LEI Nº 11.769, DE 18 DE AGOSTO DE 2008.** Mensagem de veto Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica.

BUENO, Davi C. **Percepção de professores sobre o Ensino Coletivo de Cordas Friccionada.** 2020. 134.f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Centro Universitário Adventista São Paulo, Engenheiro Coelho, 2020

CRUVINEL, Flavia Maria. **Efeitos do Ensino Coletivo na Iniciação Instrumental de Cordas: A Educação Musical como meio de transformação social,** Vol.1. Goiânia: Dissertação de Mestrado - Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, 2003, 217p.

DANTAS, Tais; Diana Santiago. **Ensino coletivo de instrumentos musicais: contribuições da pesquisa científica.** Salvador: EDUFBA, 2017. 212 p.: il.; 24 cm. ISBN 978-85-232-1572-9.

**ENSINO Coletivo de violino.** [S. l.]: Sistema Nacional de Orquestras Sociais do Brasil, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/z7d8s6J25BM>. Acesso em: 8 ago. 2022.

PAZZIANE, Danilo Ribeiro. **O ensino coletivo de instrumentos musicais: reflexões acerca do modelo na perspectiva da experiência com a criação musical.** *In:* XXVI CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 2016, Belo Horizonte. MODALIDADE: PÔSTER SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL [...]. [S. l.: s. n.], 2016.

PROJETO Social de música. *In:* SOCIEDADE ARTÍSTICA BRASILEIRA (Brasil). **Projeto Social de Música.** [S. l.], 29 mar. 2019. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&v>

[ed=2ahUKEwjRsNyQt6n5AhUPB7kGHdNcAVIQFnoECAgQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.sabra.org.br%2Fsite%2Fprojeto-social-de-musica%2F&usg=AOvVaw2buqOtYGH4UZjMavaoemxV](https://www.sabra.org.br/?url=https%3A%2F%2Fwww.sabra.org.br%2Fsite%2Fprojeto-social-de-musica%2F&usg=AOvVaw2buqOtYGH4UZjMavaoemxV). Acesso em: 2 ago. 2022.

PUJOLÀS, P.M. **Introducción al Aprendizaje Cooperativo**. 2009. Disponível em: Acesso em: 12 jan. 2016. REIS, P. R. A Educação para a cidadania através do desenvolvimento de capacidades de cooperação. Cadernos de Educação de Infância. N.56, p.14-15, 2000.

REIS, P. R. **A gestão do trabalho em Grupo**: Indução e desenvolvimento profissional docente (Coleção). Aveiro (Portugal): Universidade de Aveiro, 2011.

ROCHA, Thomáz Ribeiro. **Propostas de atividades para ensino coletivo de instrumentos na educação básica**. 2018. 41 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

SANTOS, Tatiana da Silva. **Estudantes de música e o ensino coletivo de instrumentos musicais na UFCA**. 2021. 103 p. Dissertação (Pós GraduaçãoPós-graduação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

SLAVIN, R.E. **Research on Cooperative Learning and Achievement**: what we know, what we need know. Center of Research on the Education of Students Placed at Risk Johns Hopkins University, 1995.

SILVA, Ana Maria Goulart. **O sujeito cantante: Reflexões sobre o canto coral**. 2014. Dissertação (Mestre em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, [S. l.], 2014.

SILVA, Bianca Cristina Vieira da. **Ensino de violino para adultos iniciantes: uma análise de conteúdo e estratégias de ensino**. 2017. 98 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017. p. 10-20

SMETAK, Icaro. **The philharmonic of strings: teaching proposal for beginners in strings instruments, inspired by the practices of the Bahia`s (Brazil) wind traditional bands**. 223 pp. 2019. Thesis (doctorate degree) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SOCIEDADE ARTÍSTICA BRASILEIRA. Projeto Social de música. **Blog Sabra**, [s. l.], 29 mar. 2019.

SOUZA, João Ricardo De. **O ensino coletivo de cordas friccionadas produzido no SESC-Consolação, comparado com propostas de ensino coletivo realizadas no Reino Unido e nos EUA: Trajetória histórica, diferenças e similaridades pedagógicas e socioculturais**. 2016. Artigo (Doutorado em Música) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, [S. l.], 2016.

**TOCAR em grupo vs individualmente**. [S. l.]: Sistema Nacional de Orquestras Sociais do Brasil, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/1RLhySYfgyc>. Acesso em: 6 ago. 2022.

XXIV CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, VII., 2014, Rio Branco. **O ensino coletivo de violino para crianças: análise de métodos e dinâmicas utilizados por professores de Belém do Pará [...]**. [S. l.: s. n.], 2014.

YING, Liu Man. **Diretrizes para o Ensino Coletivo de Violino**. 2012. Tese (Doutorado em Música) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

YING, Liu Man. **O Ensino Coletivo Direcionado no Violino**. 2007. Dissertação (Musicologia) - Universidade de São Paulo, [S. l.], 2007.